

genghis khan e a criação
do mundo moderno
jack weatherford

Tradução de Nanci Marcelino



Para os jovens mongóis:
Nunca vos esqueçais dos estudiosos mongóis
que estiveram dispostos a sacrificar as próprias vidas
para conservar a vossa história.

ÍNDICE



As dinastias mongóis ♦ 11

Introdução ♦ 17

O conquistador desaparecido

PRIMEIRA PARTE ♦ 41

O Reino do Terror na Estepe: 1162–1206

1

O coágulo de sangue ♦ 43

2

O conto dos três rios ♦ 71

3

A guerra dos *khans* ♦ 94

SEGUNDA PARTE ♦ 117

A Guerra Mundial Mongol: 1211–1261

4

A cuspir no Khan Dourado ♦ 119

5

Sultão *versus khan* ♦ 145

6

A descoberta e conquista da Europa ♦ 168

7

Rainhas em guerra ♦ 196

TERCEIRA PARTE ♦ 229

O Despertar Global: 1262–1962

8

Khubilai Khan e o novo império mongol ♦ 231

9

A luz dourada ♦ 254

10

O império da ilusão ♦ 276

Epílogo ♦ 301

O eterno espírito de Genghis Khan

Notas ♦ 307

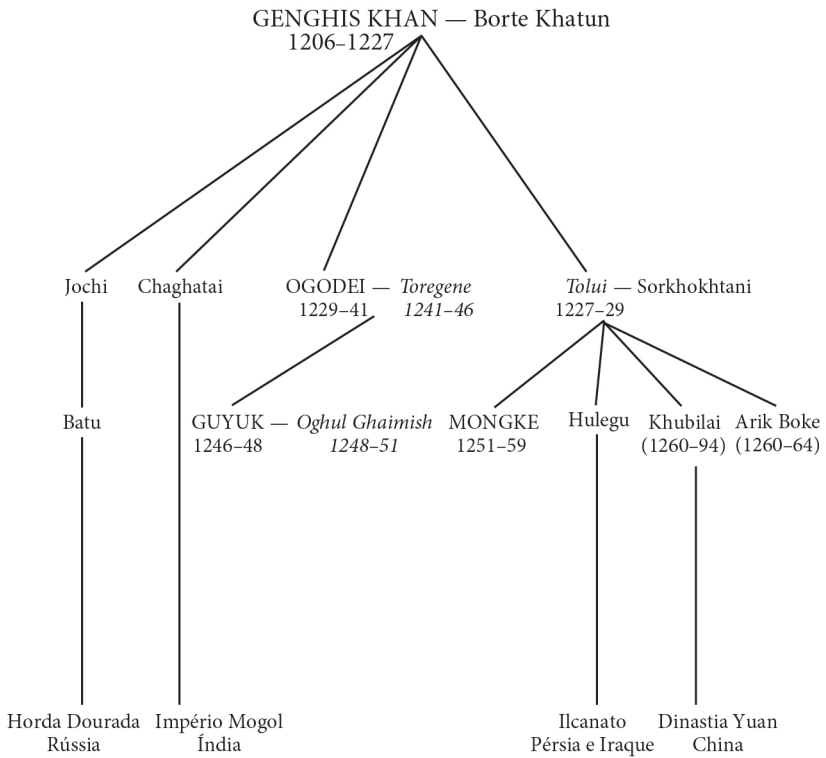
Uma nota sobre a transliteração ♦ 325

Glossário ♦ 327

Bibliografia ♦ 333

Agradecimentos ♦ 341

Família real do Grande Império Mongol, Yeke Mongol Ulus



GRANDE KHAN

Regente

As datas referem-se a reinados

(As datas entre parêntesis referem-se a reinados contestados)



Este nobre rei chamava-se Genghis Khan,
Que no seu tempo tamanho renome teve
Que mais nenhum houve em nenhuma outra região
Em tudo senhor tão excelente.

GEOFFREY CHAUCER,
«*The Squire's Tale*»
Contos de Cantuária (c. 1395)

GENGHIS KHAN

e a criação do

MUNDO MODERNO



INTRODUÇÃO

O conquistador desaparecido



Genghis Khan era um empreendedor.

Washington Post, 1989

Em 1937, a alma de Genghis Khan desapareceu do mosteiro budista no centro da Mongólia, junto ao rio da Lua, abaixo das montanhas sombrias de Shankh, onde sacerdotes fiéis a protegeram e veneraram durante séculos. Ao longo da década de 1930, homens de confiança de Estaline executaram cerca de 30.000 Mongóis numa série de campanhas contra as suas cultura e religião. Os soldados devastaram um mosteiro atrás do outro, mataram os monges a tiro, violaram as freiras, partiram objetos religiosos, pilharam as bibliotecas, queimaram as escrituras e demoliram os templos. Ao que parece, em segredo, alguém salvou a personificação da alma de Genghis Khan do mosteiro de Shankh e, por precaução, levou-a rapidamente para a capital em Ulaanbaatar, onde acabou por desaparecer.

Ao longo dos séculos, nas vastas planícies verdejantes e onduladas do interior da Ásia, um pastor-guerreiro carregou um Estandarte do Espírito, chamado *sulde*, que criou amarrando fios da crina dos seus melhores ganhões à haste de uma lança, mesmo abaixo da lâmina. Onde quer que montasse acampamento, o guerreiro colocava o Estandarte do Espírito no exterior da entrada, declarando assim a sua identidade e para que o estandarte funcionasse como seu eterno guardião. O Estandarte do Espírito ficava sempre ao ar livre, sob o Eterno Céu Azul que os Mongóis veneravam. Enquanto os fios da crina se agitavam e baloiçavam com a brisa quase constante da planície, captavam o poder do vento, do céu e do Sol, e o estandarte canalizava este poder da Natureza para o guerreiro. O vento a bater na crina inspirava os

sonhos do guerreiro e encorajava-o a seguir o seu destino. A crina a ondular e a rodopiar ao vento impelia o seu dono a seguir sempre em frente, afastando-o deste lugar em busca de outro, para encontrar melhores pastos, explorar novas oportunidades e aventuras, criando o próprio destino na sua vida neste mundo. A união entre o homem e o seu Estandarte do Espírito tornava-se tão entrelaçada que, quando ele morria, costumava dizer-se que o espírito do guerreiro ficava para sempre naqueles tufos de crina de cavalo. Enquanto o guerreiro era vivo, o estandarte de crina transportava o destino dele; ao morrer, transformava-se na sua alma. O corpo físico depressa era abandonado às mãos da Natureza, mas a alma vivia para sempre naqueles tufos de crina para inspirar as futuras gerações.

Genghis Khan tinha um estandarte feito com pelos de cavalos brancos, que usava em tempos de paz, e outro de pelos de cavalos pretos para o guiar na guerra. O branco desapareceu cedo da História, mas o preto sobreviveu como repositório da alma dele. Nos séculos que se seguiram à sua morte, o povo mongol continuou a venerar o estandarte onde residia a alma dele. No século XVI, um dos seus descendentes, o lama Zanabazar, construiu um mosteiro com a especial missão de expor e proteger o estandarte dele. Mais de 1000 monges da seita do Chapéu Amarelo, do Budismo tibetano, protegeram o grandioso estandarte durante tempestades e nevões, invasões e guerras civis, mas demonstraram não estar à altura da política totalitária do século XX. Os monges foram mortos e o Estandarte do Espírito desapareceu.

A SORTE NÃO CONCEDEU A GENGHIS KHAN O SEU DESTINO, FOI ELE QUE O criou para si mesmo. Parecia altamente improvável que alguma vez teria cavalos suficientes para criar um Estandarte do Espírito, quanto mais que o seguiria por todo o mundo. O rapaz que se transformou em Genghis Khan cresceu num mundo de violência tribal excessiva, incluindo assassinato, rapto e escravatura. Como filho de uma família proscrita, deixada nas vastas planícies para morrer, é provável que se tenha cruzado com pouco mais do que algumas centenas de pessoas em toda a infância e não teve uma educação formal. Foi neste contexto severo que ficou a conhecer, em terrível pormenor, toda a gama das emoções humanas: desejo, ambição e crueldade. Ainda em criança matou o meio-irmão mais velho, foi capturado e escravizado por um clã rival e conseguiu fugir dos seus captores.

Em condições tão horríveis, o rapaz apresentava um instinto de sobrevivência e conservação de si mesmo, mas pouco fazia prever as proezas que um dia alcançaria. Quando era criança tinha medo de cães e chorava com

facilidade. O irmão mais novo era mais forte do que ele e melhor arqueiro e lutador; o meio-irmão dava-lhe ordens a torto e a direito e implicava com ele. Mas foi a partir destas circunstâncias degradadas de fome, humilhação, rapto e escravatura que ele deu início à longa ascensão até ao poder. Antes de atingir a puberdade já estabelecera as duas relações mais importantes da sua vida: jurou amizade e fidelidade eternas a um rapaz ligeiramente mais velho, que se tornou no amigo mais íntimo da sua juventude e no inimigo mais empenhado da idade adulta, e encontrou a rapariga que amaria para sempre e que transformaria em mãe de imperadores. A dupla capacidade de amizade e inimizade forjada na juventude de Genghis Khan perdurou ao longo de toda a sua vida e tornou-se no traço determinante da sua personalidade. As questões tormentosas do amor e da paternidade, que surgiram sob um manto partilhado ou à luz tremeluzente do fogo da lareira da família, foram lançadas para o palco mais amplo da história mundial. Os objetivos, desejos e medos pessoais dele engoliram o mundo.

Ano após ano, foi derrotando todos os que eram mais poderosos do que ele, até ter conquistado todas as tribos na vasta planície mongol. Aos 50 anos, quando a maioria dos grandes conquistadores já deixava de lado os seus dias de luta, o Estandarte do Espírito de Genghis Khan conduziu-o para fora da sua pátria para confrontar os exércitos de povos civilizados que há séculos perseguiram e escravizavam as tribos nómadas. Nos últimos anos de vida seguiu aquele Estandarte do Espírito até vitórias reiteradas para lá do Góbi e do rio Amarelo, no interior dos reinos da China, através das terras do centro da Ásia, dos Turcos e dos Persas, e para lá das montanhas do Afeganistão até ao rio Indo.

Em conquista atrás de conquista, o exército mongol transformou a guerra numa questão intercontinental travada em várias frentes, que se estendiam ao longo de milhares de quilómetros. As técnicas inovadoras de luta de Genghis Khan tornaram obsoletos os cavaleiros carregados com armaduras da Europa medieval, substituindo-os por uma cavalaria disciplinada que se movia em unidades coordenadas. Em vez de depender de fortificações defensivas, ele fazia uma utilização genial da velocidade e do fator surpresa no campo de batalha, tal como aperfeiçoou a guerra através de cercos, ao ponto de acabar com a era das cidades rodeadas por muralhas. Genghis Khan não só ensinou o seu povo a lutar ao longo de distâncias inacreditáveis, como também a manter-se em campanha durante anos, décadas e, por fim, durante mais de três gerações de luta constante.

Em 25 anos, o exército mongol subjugou mais terras e povos do que os Romanos conquistaram em 400 anos. Juntamente com os seus filhos e netos,

Genghis Khan conquistou as civilizações mais populosas do século XIII. Seja quantificando pelo número total de pessoas derrotadas, pela soma dos países anexados ou pela área total ocupada, Genghis Khan conquistou mais do dobro do que qualquer outro homem na História. Os cascos dos cavalos dos guerreiros Mongóis chapinharam pelas águas de todos os rios e lagos desde o oceano Pacífico até ao Mediterrâneo. No seu apogeu, o império cobriu entre 17 e 19 milhões de quilómetros quadrados contíguos, uma área com um tamanho aproximado do continente africano e consideravelmente maior do que a América do Norte, incluindo os Estados Unidos, Canadá, México, América Central e as ilhas das Caraíbas todos juntos. Ia desde a tundra nevada da Sibéria até às planícies quentes da Índia, desde os arrozais do Vietname até aos campos de trigo da Hungria, e desde a Coreia até aos Balcãs. Hoje em dia, a maior parte das pessoas vive em países conquistados pelos Mongóis; no mapa dos dias modernos, as conquistas de Genghis Khan incluem 30 países com bem mais do que três mil milhões de pessoas. O aspeto mais surpreendente deste feito é o facto de toda a tribo mongol sob o seu domínio ser composta por cerca de um milhão de pessoas — menos do que a mão de obra de algumas empresas modernas. Foi deste milhão que ele recrutou o seu exército, que era constituído por não mais do que 100.000 guerreiros — um grupo que caberia sem problemas nos maiores estádios desportivos da era moderna.

Em termos americanos, a façanha de Genghis Khan pode ser compreendida como se os Estados Unidos, em vez de terem sido criados por um grupo de comerciantes educados ou de fazendeiros abastados, tivessem sido fundados por um dos seus escravos iletrados, que, pela mera força da personalidade, do carisma e da determinação, tivesse libertado a América do domínio estrangeiro, unido as pessoas, criado um alfabeto, escrito a constituição, estabelecido a liberdade religiosa universal, inventado um novo sistema de guerra, comandado um exército desde o Canadá até ao Brasil e aberto estradas de negócio numa zona de comércio livre que se estendia pelos continentes. A escala e o âmbito das proezas de Genghis Khan desafiam os limites da imaginação a todos os níveis e em qualquer perspectiva, e desafiam os recursos das explicações eruditas.

À medida que a cavalaria de Genghis Khan ia atacando ao longo do século XIII, ele ia redesenhando as fronteiras do mundo. A arquitetura que praticava não era de pedra mas de nações. Descontente com o vasto número de pequenos reinos, Genghis Khan fundiu países mais pequenos, criando assim nações maiores. No Leste da Europa, os Mongóis juntaram uma dezena de cidades e principados eslavos num único Estado russo de grandes

dimensões. No Leste da Ásia, ao longo de três gerações, criaram o país denominado China ao entrelaçarem os restos da dinastia Song no Sul com as terras dos Jurchens na Manchúria, o Tibete no Oeste, o Império Tangut adjacente ao Góbi e as terras dos Uígures do Turquestão oriental. À medida que os Mongóis iam expandindo o seu domínio criavam países como a Coreia e a Índia, que sobreviveram até aos tempos modernos com mais ou menos as mesmas fronteiras desenhadas pelos conquistadores mongóis.

O império de Genghis Khan uniu e fundiu as muitas civilizações à sua volta, gerando uma nova ordem mundial. À data do seu nascimento, em 1162, o Velho Mundo era constituído por uma série de civilizações regionais, em que cada uma praticamente afirmava não ter conhecimento acerca de qualquer outra civilização para lá dos seus vizinhos mais próximos. Ninguém na China ouvira falar da Europa e ninguém na Europa ouvira falar da China, e, tanto quanto se sabe, ninguém viajara de uma para a outra. Aquando da sua morte, em 1227, ele já estabelecera uma ligação entre elas com contactos diplomáticos e comerciais que permanecem intactos.

Ao destruir o sistema feudal do nascimento e dos privilégios aristocráticos, construiu um sistema novo e único com base no mérito individual, na lealdade e no empreendedorismo. Pegou nas pequenas cidades comerciais deslocadas e langorosas ao longo da Rota da Seda e organizou-as na maior zona de comércio livre da História. Baixou os impostos para todos e aboliu-os por completo para médicos, professores, sacerdotes e instituições de educação. Estabeleceu um recenseamento regular e criou o primeiro sistema postal internacional. O seu império não era dos que amontoam riquezas e tesouros; em vez disso, fazia uma distribuição extensa dos bens adquiridos em combate, de modo a que estes pudessem voltar a entrar na circulação comercial. Criou uma lei internacional e reconheceu a derradeira lei suprema do Eterno Céu Azul acima de todas as pessoas. Numa época em que a maioria dos governantes se considerava acima da lei, Genghis Khan insistia em que as leis responsabilizassem os soberanos exatamente do mesmo modo que responsabilizavam o mais humilde pastor. Concedia liberdade religiosa nos seus reinos, embora exigisse lealdade total aos seus súbditos conquistados de todas as religiões. Insistiu em governar através da lei e aboliu a tortura, apesar de organizar enormes campanhas para perseguir e matar bandidos assaltantes e assassinos terroristas. Recusou-se a manter reféns e, em vez disso, instituiu a prática original de conceder imunidade diplomática a todos os embaixadores e representantes, incluindo os de nações hostis com as quais estava em guerra.

Genghis Khan deixou o seu império com alicerces tão firmes que este continuou a crescer ao longo de mais 150 anos. Depois, nos séculos posteriores

ao colapso do império, os seus descendentes continuaram a governar vários impérios mais pequenos e países de grandes dimensões, desde a Rússia, a Turquia e a Índia até à China e à Pérsia. Detinham uma variedade eclética de títulos, incluindo os de *khan*, imperador, sultão, rei, xá, emir e dalai lama. No domínio dos seus descendentes persistiram vestígios do seu império ao longo de sete séculos. Tal como os mogóis, alguns deles reinaram na Índia até 1857, quando os britânicos expulsaram o imperador Badur Xá II e decapitaram dois dos filhos dele e o neto. O último descendente de Genghis Khan a governar, Alim Khan, emir de Bucara, permaneceu no poder no Usbequistão até ser destituído em 1920 pela enchente da revolução soviética.

A HISTÓRIA TEM CONDENADO A MAIORIA DOS CONQUISTADORES A MORTES prematuras miseráveis. Aos 33 anos, Alexandre, *o Grande*, morreu em circunstâncias misteriosas na Babilónia, enquanto os seus seguidores matavam a família e retalhavam as terras dele. Os aristocratas camaradas de Júlio César e os antigos aliados deste esfaquearam-no até à morte no hemiciclo do Senado romano. Depois de passar pela destruição e reversão de todas as suas conquistas, um Napoleão sozinho e amargurado enfrentou a morte como prisioneiro solitário numa das ilhas mais isoladas e inacessíveis do planeta. Com quase 70 anos, porém, Genghis Khan faleceu na sua cama portátil, rodeado por uma família afetuosa, amigos fiéis e soldados leais prontos a arriscar as suas vidas às ordens dele. No verão de 1227, durante uma campanha contra a nação tangut ao longo das extensões superiores do rio Amarelo, Genghis Khan morreu — ou, nas palavras dos mongóis, que têm uma aversão a referir a morte ou uma doença, «subiu aos céus». Nos anos que sucederam ao seu falecimento, o secretismo persistente sobre a causa da morte deu azo à especulação e mais tarde inspirou lendas que, com a passagem do tempo, muitas vezes pareciam um facto histórico. Giovanni da Pian del Carpine, o primeiro emissário europeu para os mongóis, escreveu que Genghis Khan morreu ao ser atingido por um relâmpago. Marco Polo, que viajou bastante pelo Império Mongol durante o domínio do neto de Genghis Khan, Kublai Khan, relatou que aquele sucumbiu ao ferimento provocado por uma seta no joelho. Alguns afirmam que inimigos desconhecidos o envenenaram. Outro relato afirma que ele fora morto por um feitiço do rei tangut contra quem estava a lutar. Uma das histórias divulgadas pelos difamadores dele afirmava que a rainha tangut capturada inserira uma engenhoca na vagina para que quando Genghis Khan fizesse sexo com ela o mecanismo lhe arrancasse os órgãos sexuais e ele morresse com uma dor atroz.

Ao contrário das muitas histórias sobre o seu falecimento, a sua morte num *ger* nómada, basicamente idêntico àquele onde nascera, ilustrou o quão bem-sucedido fora na preservação do modo de vida tradicional do seu povo. No entanto, de forma irónica, ao longo do processo de preservação do estilo de vida deles, transformara a sociedade humana. Os soldados de Genghis Khan escoltaram o corpo do seu *khan* caído de volta para a sua pátria, na Mongólia, para um enterro secreto. Depois da morte, os seus seguidores enterraram-no de forma anónima na terra da sua pátria, sem um mausoléu, um templo, uma pirâmide, nem mesmo uma pequena lápide para marcar o sítio onde jazia. De acordo com a crença mongol, os corpos dos mortos deviam ser deixados em paz e não precisavam de qualquer monumento, porque a alma já lá não estava — continuava a sua existência no Estandarte do Espírito. Com o enterro, Genghis Khan voltou a desaparecer silenciosamente na vasta paisagem da Mongólia de onde viera outrora. O destino final permaneceu desconhecido, mas, com a ausência de informações credíveis, as pessoas inventaram livremente as suas próprias histórias, com muitos floreios dramáticos. Um relato repetido muitas vezes defende que os soldados que participaram no cortejo do seu funeral mataram todas as pessoas e animais com que se cruzaram ao longo da viagem de 40 dias e que, depois do enterro secreto, 800 cavaleiros pisaram a área em tropel reiteradamente para ocultar a localização da sepultura. Seguidamente, segundo esses relatos imaginativos, os cavaleiros foram, por sua vez, mortos por outro conjunto de soldados para que não pudessem revelar a localização; e posteriormente, por seu turno, esses soldados foram chacinados por ainda outro grupo de guerreiros.

A seguir ao enterro secreto na sua pátria, os soldados vedaram toda a área ao longo de várias centenas de quilómetros quadrados. À exceção dos membros da família de Genghis Khan e de uma tribo de guerreiros com treino específico, que foram lá colocados para matar todos os intrusos, mais ninguém podia entrar. Esta área — o Ikh Khorig, o Grande Tabu, bem no centro da Ásia — permaneceu fechada durante quase 800 anos. Todos os segredos do império de Genghis Khan pareciam ter sido trancados no interior da sua pátria misteriosa. Muito depois de o Império Mongol ter desmoronado, e de outros exércitos estrangeiros terem invadido partes da Mongólia, os Mongóis impediram que alguém entrasse no recinto sagrado do antepassado deles. Apesar de os Mongóis terem acabado por se converter ao Budismo, os seus sucessores, porém, recusaram-se a permitir que sacerdotes construíssem um santuário, um mosteiro ou um monumento de homenagem que marcasse o seu local de sepultamento.

No século xx, de modo a garantir que a zona onde Genghis Khan

nascera e morrera não se transformava num ponto de reunião de nacionalistas, os governantes soviéticos mantiveram-na bem guardada. Em vez de lhe chamarem Grande Tabu ou de usarem um dos nomes históricos que podiam indiciar alguma ligação a Genghis Khan, os soviéticos passaram a chamá-la pela designação burocrática de Área Altamente Restrita. Em termos administrativos, separaram-na da província circundante e colocaram-na sob supervisão direta do governo central, que, por sua vez, era fortemente controlado por Moscovo. Os soviéticos vedaram-na ainda mais, rodeando um milhão de hectares da Área Altamente Restrita com uma Área Restrita igualmente grande. De modo a impedir viagens no interior desta área, o governo não construiu estradas nem pontes durante a era comunista. Os soviéticos mantiveram uma base aérea de *MiG* altamente fortificada e, muito provavelmente, um armazém de armas nucleares, entre a Área Restrita e a capital mongol de Ulaanbaatar. Uma grande base soviética para carros blindados bloqueava a entrada para a zona proibida e o exército russo usava a área para treinos de artilharia e manobras de carros blindados.

OS MONGÓIS NÃO FIZERAM QUAISQUER AVANÇOS TECNOLÓGICOS, NÃO FUNDARAM novas religiões, escreveram poucos livros ou peças de teatro e não ofereceram quaisquer colheitas ou métodos agrícolas novos. Os seus próprios artesãos não podiam produzir tecidos, moldar metal, fazer olaria e nem mesmo fazer pão. Eles não fabricavam porcelana nem olaria, não pintavam quadros e não construíam edifícios. No entanto, à medida que o exército deles ia conquistando cultura atrás de cultura, foram reunindo e passando todas estas competências de uma civilização para a outra.

As únicas estruturas permanentes que Genghis Khan erigiu foram pontes. Embora recusasse com desprezo a construção de castelos, fortalezas, cidades ou muralhas, ao atravessar a paisagem, é provável que tenha construído mais pontes do que qualquer outro governante em toda a História. Ele transpôs centenas de cursos de água e rios de modo a tornar a deslocação dos seus exércitos e bens mais célere. Os Mongóis abriram o mundo deliberadamente para um novo tipo de comércio, não só de mercadorias como também de ideias e conhecimentos. Os Mongóis trouxeram mineiros alemães para a China e médicos chineses para a Pérsia. As transferências tanto eram monumentais quanto banais. Eles disseminaram a utilização de tapetes onde quer que fossem e transplantaram limões e cenouras da Pérsia para a China, tal como *noodles*, cartas de jogar e chá da China para o Ocidente. Trouxeram um metalúrgico de Paris para construir uma fonte nas estepes secas da Mongólia,

recrutaram um nobre inglês para servir de intérprete no exército deles e levaram a prática das impressões digitais para a Pérsia. Financiaram a construção de igrejas cristãs na China, de templos budistas e estupas¹ na Pérsia e escolas corânicas muçulmanas na Rússia. Os Mongóis varreram o planeta como conquistadores, mas também como incomparáveis portadores culturais de civilização.

Os Mongóis que herdaram o império de Genghis Khan exerceram um esforço determinado para deslocar produtos e mercadorias e combiná-los de modo a criarem produtos totalmente novos e invenções sem precedentes. Quando os seus engenheiros altamente especializados da China, Pérsia e Europa combinaram pólvora chinesa com lança-chamas muçulmanos e aplicaram tecnologia europeia de fundição de sinos produziram o canhão, uma ordem totalmente nova de inovação tecnológica, da qual surgiu o vasto arsenal moderno de armas, desde as pistolas até aos mísseis. Embora cada artigo tivesse alguma importância, o maior impacto veio da forma como os Mongóis escolhiam e combinavam tecnologias para criar híbridos invulgares.

Os Mongóis exibiam um zelo devoto e persistentemente internacionalista nos seus empreendimentos políticos, económicos e intelectuais. Tentavam não só conquistar o mundo como também instituir uma ordem global com base no comércio livre, uma única lei internacional e um alfabeto universal com o qual escrever todas as línguas. O neto de Genghis Khan, Khublai Khan, introduziu o papel-moeda com o intuito de ser utilizado em todo o lado e tentou criar escolas primárias para a educação básica universal de todas as crianças, de modo a alfabetizar toda a gente. Os Mongóis aperfeiçoaram e combinaram calendários para criarem um almanaque de 10.000 anos mais exato do que qualquer dos anteriores e patrocinaram os mapas mais extensos alguma vez elaborados. Os Mongóis encorajavam os comerciantes a seguirem por terra para chegarem ao império deles e enviavam exploradores por terra e por mar para tão longe quanto a África, de modo a expandirem o seu alcance comercial e diplomático.

Em todos os países em que os Mongóis tocaram, a destruição e o choque iniciais da conquista por parte de uma tribo bárbara e desconhecida depressa cediam a um aumento sem precedentes na comunicação cultural, expandiam o comércio e melhoravam a civilização. Na Europa, os Mongóis chacinaram os cavaleiros aristocratas do continente, mas, desiludidos com a pobreza geral da zona em comparação com os países chineses e muçulmanos, deram meia-volta e não se preocuparam em conquistar cidades, pilhar os países ou

¹ Monumento budista construído como evocação tangível de Buda e representação do Universo e sua cosmogonia, onde geralmente são guardadas relíquias. (N. de T.)

incorporá-los no império em expansão. Por fim, a Europa sofreu o mínimo mas usufruiu de todas as vantagens de estar em contacto com comerciantes como a família Polo, de Veneza, e de envios trocados entre os *khan* mongóis e os papas e reis da Europa. A nova tecnologia, o conhecimento e a riqueza comercial deram origem ao Renascimento, em que a Europa redescobriu alguma da sua cultura antiga, e, mais importante ainda, absorveu a tecnologia para a impressão, armas de fogo, a bússola e o ábaco do Oriente. Conforme observou o cientista inglês Roger Bacon no século XIII, os Mongóis foram bem-sucedidos não somente em termos de superioridade bélica, como igualmente «foram bem-sucedidos através da ciência». Embora os Mongóis «sejam apaixonados pela guerra», fizeram tantos progressos que «dedicam os seus tempos livres aos princípios da filosofia».

Ao que parece, todos os aspetos da vida europeia — tecnologia, guerra, vestuário, comércio, alimentação, arte, literatura e música — mudaram durante o Renascimento como resultado da influência mongol. Além de novas formas de luta, novas máquinas e novos alimentos, até os aspetos mais mundanos da vida quotidiana se alteraram quando os europeus mudaram para tecidos mongóis, passando a usar calças e casacos em vez de túnicas e vestes, a tocar os seus instrumentos musicais com arco em vez de com os dedos e a fazerem as suas pinturas num novo estilo. Os europeus até adotaram a exclamação mongol *hurra!* como grito entusiasmado de fanfarrice e encorajamento mútuo.

Com tantas façanhas dos Mongóis, pouco é de admirar que Geoffrey Chaucer, considerado o pai da literatura inglesa, tenha dedicado a história mais longa da obra *Contos de Cantuária* ao conquistador asiático Genghis Khan, dos Mongóis. Chaucer escreveu sobre ele e as suas proezas com uma reverência sincera. No entanto, de facto, ficamos surpreendidos por os homens instruídos do Renascimento serem capazes de fazer tais comentários acerca dos Mongóis, que o resto do mundo via agora como a quinta-essência dos bárbaros sanguinários. O retrato que Chaucer ou Bacon nos deixaram dos Mongóis pouco se assemelha às imagens que conhecemos de obras ou filmes posteriores, que representam Genghis Khan e o seu exército como horridas selvagens que cobiçam ouro e mulheres e derramam sangue.

APESAR DAS MUITAS FIGURAS E IMAGENS DE GENGHIS KHAN CRIADAS EM anos subsequentes, não temos qualquer retrato dele que tenha sido feito enquanto era vivo. Ao contrário de qualquer outro conquistador da História, Genghis Khan nunca permitiu que alguém pintasse um retrato seu, esculpisse

a sua imagem nem gravasse o nome ou o retrato dele numa moeda, e as únicas descrições que contemporâneos seus fizeram da sua pessoa são mais estranhas do que informativas. Nas palavras de uma canção mongol moderna sobre Genghis Khan, «tentámos imaginar o teu aspeto mas as nossas mentes estavam vazias».

Sem retratos de Genghis Khan nem qualquer registo mongol, o mundo foi deixado a imaginá-lo como bem entendesse. Até meio século depois da sua morte, ninguém ousou pintar a imagem dele, e cada cultura esboçou a sua própria imagem particular. Os Chineses retrataram-no como um idoso avuncular com uma barba rala e olhos vazios, que se parecia mais com um sábio chinês distraído do que com um guerreiro mongol feroz. Um miniaturista persa retratou-o como um sultão turco sentado num trono. Os europeus representaram-no como a quinta-essência de um bárbaro, com um rosto feroz e olhos cruéis fixos, feio em todos os pormenores.

O secretismo mongol deixou para a posteridade uma tarefa intimidante para os futuros historiadores que pretendessem escrever sobre Genghis Khan e o seu império. Biógrafos e historiadores tinham muito pouco em que basear uma descrição. Sabiam a cronologia das cidades conquistadas e os exércitos derrotados, mas existia pouca informação fiável referente à sua origem, personalidade, motivação ou vida pessoal. Ao longo dos séculos, boatos infundados defenderam que, pouco depois da sua morte, alguém próximo dele escrevera informações sobre todos estes aspetos da vida de Genghis Khan num documento secreto. Eruditos chineses e persas referiram a existência do documento misterioso e alguns estudiosos afirmaram tê-lo visto durante o auge do Império Mongol. Quase um século depois da morte de Genghis Khan, o historiador persa Rashid al-Din descreveu os escritos como uma «crónica autêntica» redigida «no idioma e com as letras mongóis». Mas avisou que se achava guardada no tesouro público, onde «estava escondida e dissimulada de forasteiros». Realçou que «não foi dada oportunidade» «a ninguém que pudesse entender e penetrar» no texto mongol. Depois do colapso do domínio mongólico, a maior parte dos vestígios do documento secreto parece ter desaparecido e, com o tempo, muitos dos melhores estudiosos começaram a acreditar que tal texto nunca existiu, que não passava de mais um dos muitos mitos sobre Genghis Khan.

Tal como os pintores criativos de vários países o retrataram de forma diferente, o mesmo aconteceu no caso dos estudiosos. Da Coreia à Arménia, foi composto todo o tipo de mitos e histórias fantasiosas sobre a vida de Genghis Khan. À falta de informação credível, projetavam os seus próprios medos e fobias nestes relatos. Com o passar dos séculos, os estudiosos compararam

as atrocidades e a agressão cometidas por homens como Alexandre, César, Carlos Magno ou Napoleão com os seus feitos ou a sua missão especial na História. Para Genghis Khan e os Mongóis, porém, as suas proezas foram esquecidas, ao passo que os seus alegados crimes e brutalidade foram ampliados. Genghis Khan tornou-se no estereótipo do bárbaro, do selvagem sanguinário, do conquistador implacável que gostava de destruição para seu próprio benefício. Genghis Khan, a sua horda mongol e, em grande medida, o povo asiático em geral tornaram-se caricaturas unidimensionais, o símbolo de tudo o que era inaceitável em termos de civilização.

No final do século XVIII, na época do Iluminismo, esta imagem ameaçadora apareceu na obra de Voltaire *O Órfão da China*, uma peça sobre a conquista da China por Genghis Khan: «Chamam-lhe rei dos reis, o impetuoso Genghis Khan, que devasta os campos férteis da Ásia.» Num contraste ao elogio que Chaucer faz a Genghis Khan, Voltaire descreveu-o como «este tirano destrutivo... que, com todo o orgulho... espezinha reis», mas «não passa de um soldado cítico selvagem criado para as armas e experiente no ofício da chacina» (Ato I, cena I). Voltaire retratou Genghis Khan como um homem ressentido pelas virtudes superiores da civilização que o rodeava e motivado pelo desejo bárbaro básico de arrebatrar mulheres civilizadas e destruir o que não conseguia compreender.

A tribo de Genghis Khan teve vários nomes — *Tártaros, Tatar, Mughal, Moghul, Moal* e *Mongóis* —, mas a sua denominação sempre carregou uma maldição detestável. Quando cientistas do século XIX quiseram demonstrar a inferioridade das populações asiáticas e indígenas americanas, classificaram-nas como *mongoloides*. Quando os médicos queriam explicar o motivo por que mães da raça branca superior podiam dar à luz crianças retardadas, as características faciais da criança deixavam «evidente» que uma das avoengas da criança fora violada por um guerreiro mongol. Essas crianças impuras não eram, de todo, brancas, eram, isso sim, membros da raça mongoloide. Quando os capitalistas mais ricos exibiam a sua riqueza e demonstravam valores antidemocráticos ou anti-igualitários, eram ridicularizados como *Moguls*, o nome persa para os Mongóis.

Na altura própria, os Mongóis tornaram-se bodes expiatórios de outros fracassos e lacunas nacionais. Quando a Rússia deixou de conseguir acompanhar a tecnologia do Ocidente ou o poder militar do Japão imperial, isso deveu-se ao terrível jugo tártaro imposto sobre ela por Genghis Khan. A Pérsia ficou para trás dos seus vizinhos porque os Mongóis destruíram o seu sistema de irrigação. A China deixou de conseguir acompanhar o Japão e a Europa devido à exploração e à repressão cruéis exercidas pelos seus suseranos

mongóis e manchus. A Índia não conseguiu resistir à colonização britânica por causa da ganância rapinante do domínio mongol. No século xx, políticos árabes até garantiram aos seus seguidores que os muçulmanos teriam inventado a bomba atômica antes dos americanos, se os Mongóis não tivessem incendiado as magníficas bibliotecas árabes e arrasado as suas cidades. Quando as bombas e os mísseis americanos retiraram os talibãs do poder no Afeganistão, em 2002, os soldados talibãs compararam a invasão americana à dos Mongóis e, por isso, numa vingança furiosa, massacraram milhares de Hazaras, os descendentes do exército mongol que viviam no Afeganistão há oito séculos. No decorrer do ano seguinte, num dos seus últimos discursos dirigidos ao povo iraquiano, o ditador Saddam Hussein fez acusações semelhantes contra os Mongóis quando os americanos avançaram para invadir o país dele e retirá-lo do poder.

Por entre tanta retórica política, pseudociência e imaginação erudita, a verdade sobre Genghis Khan permaneceu enterrada, aparentemente perdida para a posteridade. A sua pátria e a zona em que ascendeu ao poder permaneceram encerradas para o mundo exterior pelos comunistas do século xx, que as mantiveram seladas com firmeza como tinham feito os guerreiros ao longo dos séculos anteriores. Os documentos mongóis originais, a denominada *História Secreta dos Mongóis*, não só eram secretos como também tinham desaparecido, desvanecidos nas profundezas da História de uma forma ainda mais misteriosa do que a sepultura de Genghis Khan.

NO SÉCULO XX, DOIS DESENVOLVIMENTOS PROPORCIONARAM A OPORTUNIDADE inesperada de resolver alguns dos mistérios e corrigir parte dos registos sobre Genghis Khan. O primeiro desenvolvimento foi a descodificação de manuscritos que continham a valiosa história perdida de Genghis Khan. Apesar do preconceito e da ignorância em relação aos Mongóis, alguns estudiosos tinham relatado vários encontros ocasionais ao longo dos séculos com o lendário texto mongol sobre a vida de Genghis Khan. Que nem um qualquer animal raro ou um pássaro precioso que se pensava que tinha sido extinto, os boatos de avistamentos provocaram mais ceticismo do que saber. Por fim, no século XIX foi encontrada, em Pequim, uma cópia do documento escrito em caracteres chineses. Os eruditos leram os caracteres com facilidade, mas as palavras não faziam sentido algum, porque tinham sido redigidas num código que usava caracteres chineses para representar sons mongóis do século XIII. Os eruditos só conseguiam ler um pequeno resumo na língua chinesa, que acompanhava cada capítulo; este dava pistas tantalizantes

sobre a história relatada pelo texto, mas fora isso o documento permaneceu inexplicável. Por causa do mistério que envolvia o documento, os estudiosos referiam-se a ele como *A História Secreta dos Mongóis*, o nome por que continuou a ser conhecido.

Ao longo da maior parte do século xx, a descodificação da *História Secreta* continuou a ser fatalmente perigosa na Mongólia. As autoridades comunistas mantiveram o livro longe das mãos de pessoas comuns e de académicos, com receio de que estes pudessem ser influenciados de forma inconveniente pelo ponto de vista antiquado, não científico e não socialista do texto. No entanto, um movimento académico clandestino cresceu em torno da *História Secreta*. Nos acampamentos nómadas em toda a planície, a estória sussurrada da história recém-encontrada espalhou-se de pessoa em pessoa, de acampamento em acampamento. Finalmente tinham uma história que contava a narrativa deles do ponto de vista mongol. Os Mongóis tinham sido muito mais do que bárbaros que hostilizavam as civilizações superiores à sua volta. Para os nómadas mongóis, as revelações da *História Secreta* pareciam provir do próprio Genghis Khan, que regressara para o seu povo a fim de lhes oferecer esperança e inspiração. Depois de mais de sete séculos de silêncio, finalmente podiam ouvir as palavras dele outra vez. Apesar da repressão oficial comunista, o povo mongol parecia determinado a não voltar a perder estas palavras. Por um breve instante, a liberalização da vida política que se seguiu à morte de Estaline, em 1953, e o reconhecimento da Mongólia por parte das Nações Unidas, em 1961, trouxeram coragem ao povo mongol, que se sentiu livre para voltar a explorar a sua história. O país preparou uma pequena série de selos em 1962 para comemorar o 800.º aniversário do nascimento de Genghis Khan. Tomor-ochir, o membro do segundo cargo mais elevado do governo, autorizou a construção de um monumento de betão para marcar o local onde nascera Genghis Khan, perto do rio Onon, e patrocinou uma conferência com académicos para avaliar os aspetos bons e maus do Império Mongol na História. Tanto o selo quanto o desenho de traços simples do monumento representam a imagem do *sulde* desaparecido de Genghis Khan, o Estandarte do Espírito de crina de cavalo com que ele conquistou e o local de repouso da sua alma.

Ainda assim, passados quase oito séculos, o *sulde* tinha um significado emocional tão profundo, tanto para os Mongóis quanto para algumas das pessoas que eles tinham conquistado, que os Russos consideraram a mera exibição deste num selo como um ato de ressurgimento nacionalista e potencial agressão. Os Soviéticos reagiram com uma ira irracional ao medo de que o seu Estado-satélite pudesse seguir um caminho independente ou, pior

ainda, se aliasse à outra vizinha da Mongólia, a China, a outrora aliada da União Soviética transformada agora em sua inimiga. Na Mongólia, as autoridades comunistas suprimiram os selos e os eruditos. Pelo crime pérfido de mostrar aquilo que os representantes do partido rotularam de «tendências dirigidas para a idealização do papel de Genghis Khan», as autoridades retiraram Tomor-ochir do seu cargo, baniram-no para exílio interno e, por fim, acabaram por cortá-lo até à morte com um machado. Depois de purgarem o seu próprio partido, os comunistas concentraram a sua atenção no trabalho dos eruditos mongóis, que o partido rotulou de elementos *antipartidários*, *espiões chineses*, *sabotadores* ou *parasitas*. Na campanha antinacionalista que se seguiu, as autoridades arrastaram o arqueólogo Perlee para a prisão, onde o mantiveram em condições severas unicamente por ter sido professor de Tomor-ochir e por ter estudado a história do Império Mongol em segredo. Professores, historiadores, artistas, poetas e cantores ficavam em perigo se tivessem alguma ligação à história da era de Genghis Khan. As autoridades executaram alguns deles em segredo. Outros académicos perderam os empregos e, juntamente com as suas famílias, foram expulsos das suas casas apesar do rigoroso clima mongol. Também lhes foram negados cuidados médicos e muitos foram obrigados a ir para o exílio interno em vários locais espalhados pela vasta extensão da Mongólia.

Durante esta purga, o Estandarte do Espírito de Genghis Khan desapareceu por completo e talvez tenha sido destruído pelos Soviéticos como castigo para o povo mongol. Mas, apesar desta repressão brutal, ou talvez por causa dela, vários eruditos mongóis propuseram-se a estudar a *História Secreta* de forma independente, colocando as suas vidas em risco com o intuito de alcançarem um entendimento genuíno do seu passado difamado e deturpado.

Fora da Mongólia, académicos de muitos países, especialmente da Rússia, Alemanha, França e Hungria, esforçaram-se para descodificar o texto e traduzi-lo para línguas modernas. Sem acesso aos recursos existentes na própria Mongólia, trabalharam arduamente em condições extremamente difíceis. Na década de 1970 foi aparecendo um capítulo de cada vez, em mongol e em inglês, sob a supervisão e a análise atentas de Igor Rachewilz, um académico australiano devoto da língua mongol antiga. Nesta altura, o académico americano Francis Woodman Cleaves preparou, de forma independente, uma tradução distinta e meticulosa que a Universidade de Harvard publicou em 1982. No entanto, seria preciso muito mais do que meramente decifrar o código e traduzir os documentos para torná-los compreensíveis. Os textos continuavam difíceis de entender até mesmo durante a tradução, porque, obviamente, tinham sido escritos para um grupo restrito da família

real mongol e pressupunham um conhecimento profundo não só da cultura mongol do século XIII como também da geografia do país deles. Sem uma análise pormenorizada *in loco* aos locais onde os acontecimentos ocorreram, o contexto histórico e o significado biográfico dos manuscritos continuavam praticamente inacessíveis.

O segundo maior desenvolvimento ocorreu de forma inesperada em 1990, quando o comunismo entrou em colapso e a ocupação soviética da Mongólia chegou ao fim. O exército soviético retirou-se, os aviões voaram para longe e os tanques foram embora. O mundo mongol da Ásia Interior estava, finalmente, aberto a forasteiros. Aos poucos, algumas pessoas aventuraram-se a entrar na área protegida. Caçadores mongóis entraram de modo furtivo para caçar, ilegalmente, nos vales cheios de caça, pastores entraram para permitir que os seus animais pastassem nos limites da área, aventureiros de ocasião entraram para fazer caminhadas. Na década de 1990, várias equipas de estrangeiros tecnologicamente sofisticados foram em busca das sepulturas de Genghis Khan e da respetiva família; embora tenham feito descobertas fascinantes, o derradeiro objetivo deles eludiu-os.